



5 de julho: CARTA ABERTA AO P. HERRANZ

Por Teresa Zugazabeitia FI

5 julho 2016. Dia do P. Herranz

Querido P. Herranz:

Estou um pouco confusa. Hoje é 5 de Julho.

Faz tempo que não celebramos seu aniversário... e me esqueci de felicitá-lo em seu dia.

Com certeza M. Cândida me daria uma repreensão; como aquela que recebeu Isabel Antón quando colocaram a luz elétrica em Salamanca.

E com toda a razão: esquecer-nos de você e do dia de sua festa!!!

Como o celebrava a M. Cândida e que versos carinhosos lhe brotavam de seu grande coração agradecido: *Ay ené Padre del alma...!*

Teríamos que fazer transbordar em nós algo do coração agradecido de nossa Madre. Questão de justiça.

Quero me unir a Beatriz Macarro, que recolheu sua influência decisiva em nossa Congregação no livro que publicou em 2004.

Porque, querido P. Herranz, sua presença carismática germinal na Congregação testemunhada por tantas fontes, ficou reconhecida pela Igreja, no decreto pontifício de aprovação das Santas Regras de 6 de agosto de 1901: *"...Cândida Maria de Jesus, com o conselho e direção do R.P. Miguel Herranz, da Companhia de Jesus, fundou em Salamanca..."*

A própria M. Cândida ao expressar sua alegria pelo referendo da Igreja sente a nostalgia de sua ausência: *"...é verdade que o P. Herranz não pôde ver em vida a aprovação; mas do céu pedirá e se alegrará também com isto. Também puseram seu nome no Decreto"*, deixa anotado.

Por isso afirmava repetidas vezes a suas primeiras companheiras sobre a origem da intuição carismática: *"nem minha, nem sua, exclusivamente, senão dos dois e ao mesmo tempo"*.

Como não recordar aquela vivência compartilhada da "Nazaré do Instituto", no Rosarilho, como você chamava. Era 2 de abril de 1869. Coincidiu ser em uma Sexta Feira Santa.

A prudência humana ficou à margem. Confiou em Deus que atuava com poder e graça em Joana Josefa.

Você, acostumado com a vida religiosa e homem de leis, serviu também para encaminhar o carisma; e colocou mãos à obra. Tinha 49 anos e podia conjugar o sonho juvenil e a utopia, pisando terra firme.

E começou dando aula para aquela jovem vasca de 24 anos, que mal lia compreensivamente. Mas os dois tinham muita clareza de que a sociedade espanhola, naqueles *"tempos de revolução"*, quando o catecismo tinha sido proscrito das escolas, necessitava uma educação cristã que promovesse a mulher na escalada social. Apostaram pela mulher relegada culturalmente, para anunciar a boa nova do Reino. **A educação Católica dos Povos** foi desde então a paixão de suas vidas.

Foram mais de dois longos anos acompanhando de perto Joana Josefa, orientando-a na escuta do Espírito, discernindo juntos o querer de Deus.

Até que em 6 de dezembro, uma carruagem os leva a Salamanca com outras três jovens de Valhadoli.



Por que Salamanca? Talvez, porque você já tivesse feito seus contatos: era amigo do P. Bombardó, que por sua vez era amigo do bispo Lluçh y Garriga que lhe havia confiado a formação dos seminaristas. Os dois eram catalães.

Você julgou que o bispo lhes seria propício, através de Bombardó, nos trâmites de uma nova fundação; e naqueles duros tempos. Não se enganou. Aí se encontraram a prudência humana e os caminhos tortuosos de Deus. Porque, fundar uma congregação de ensino na douda Salamanca com tão poucos recursos humanos, pode causar perplexidade para nossa lógica.

Já estamos na rua Gibraltar; é 8 de Dezembro. Outras duas jovens, orientadas pelo P. Bombardó se unem ao grupo de Valhadoli. Conservamos suas palavras, graças à testemunha ocular G. Alcalde, então jovem seminarista; introduzem-nos nos sentimentos e fundamentos da jovem congregação.

Suas palavras, P. Herranz, remetem ao Rei Eternal dos Exercícios de Inácio:

“... eu as escolhi... chamadas não ao descanso mas ao trabalho... os inimigos são muitos e poderosos... não importa, a obra não é vossa, é de Deus... não temais... sois poucas em número... não importa... permaneci sempre nestes pensamentos e desejos... chegareis a ser uma Congregação de união... em vossos caminhos Maria Imaculada... o nome de Filhas de Jesús... são a garantia de vossas esperanças, o consolo de vossos trabalhos, a coroa de vossos triunfos...”

E começa a vida de todos os dias. É preciso vislumbrar metas e traçar caminhos. É preciso encaminhar essa graça, carisma na Igreja; manancial de nova seiva evangélica.

É um tempo de densa formação. Você está tão presente no ser e fazer da incipiente Congregação que marca inclusive as diversas atividades no tempo diário da vida comunitária: meditação, exame de consciência; estudo e trabalhos orientados à missão. Apresenta-se diariamente, e às vezes pela “manhã e à tarde” as instrui nos princípios e atitudes da vida religiosa, no espírito das Constituições.

Aquelas regras explicadas e comentadas com nossa Madre, na velha mesa de noqueira. Como ressoariam no coração da M. Cândida concretizando o que o Espírito lhe fazia sentir por dentro. Era o conduto daquela experiência compartilhada lá no altar lateral do Rosarilho.

Essas regras primitivas extraídas, quase furtivamente, do Sumário jesuítico. Porque tenho entendido que, como os jesuítas não deixavam difundir os textos... você os recopiou para poder emprestá-los. Não sei se será verdade.

De fato, nossas primeiríssimas regras estão escritas com seu próprio punho e letra. Assim relatam nossas fontes.

E que letra difícil, P. Herranz. Quanto devemos à Joana Reguero! Enfraqueceu-lhe a vista para interpretar seus **Escritos e Cartas** que guardávamos como ouro no arquivo de Salamanca.

Graças a ela pudemos receber em fotocópias toda sua experiência de vida religiosa. Pudemos comentá-la em nossas reuniões comunitárias, juntamente com as cartas da M. Cândida. Foi um bom exercício que ajudou no discernimento congregacional para refundir as Constituições pós-conciliares.

Ainda conservo aquelas fotocópias de seus **Escritos e Cartas**. Que proximidade, que prudência e sabedoria. Que homem de Deus exalam seus desvelos e conselhos à M. Cândida e a tantas Filhas de Jesus.

Encanta-me voltar a ler. Superados o tempo e o espaço me adentram no carisma fontal.



É verdade que aquelas idas e vindas da Clerecía até a rua Gibraltar para animar e acompanhar de perto a obra começada, duraram somente 8 meses: *“o P. Lobo nos tragou...”* dizia a M. Cândida ao conhecer a decisão de seu P. Provincial de mandar você a Vigo. É que S. Inácio não contemplava que os jesuítas andassem em fundações de mulheres.

Porém, olhando bem, você não acredita P. Herranz, que foi **“o dedo de Deus”**, essa expressão significativa para você e M. Cândida, que **“indicou”** o caminho a seguir?

Tudo é graça. Com sua ida a Vigo, a valentia da M. Cândida se revela fortalecida na confiança e disponibilidade teologal. Seu vigor e ânimo de mulher forte fazem frente a penúrias, enfermidades, perseguições daqui e dali... e a congregação não *se desfaz como sal na água*, como maus agoueiros prognosticavam.

Sim, P. Herranz, foi providencial a decisão do P. Lobo para nosso futuro. A distância física não impediu a proximidade e o desvelo pela pequena congregação. Expressou-se e ficou seu espírito naquelas “cartas”.

Conservamos suas 443 **Cartas**; delas, 327 escritas à M. Cândida, a outras Filhas de Jesus ou a comunidades. Nos primeiros anos chegam em uma média de 22 cartas ao ano. A vida religiosa, a missão, a maneira de comandar em nosso Senhor, a formação, as novas vocações... mas também os pequenos detalhes da vida cotidiana das Filhas de Jesus estão muito presentes.

Com que ímpeto você defende a gestão da Madre ante as graves dificuldades que atravessa com as instâncias da diocese: *“é muito necessário ter em conta que a fundação começou com 700 reais e éreis seis, quase 100 reais cada uma; vivestes de esmola dois anos...”*

(N.B. esses 100 reais supunham 0,15 €).

Escritos e Cartas que se tornaram parte de nosso patrimônio espiritual.

Se hoje lemos nossas Constituições, vemos algumas letras cursivas que remetem a siglas marginais: **H, Escritos.** e **PH, Cartas.** Junto às regras primitivas, à M. Fundadora, às constituições inicianas, ao direito canônico... Aí está, abençoado pela Igreja, seu espírito...

Não quero me alongar mais querido P. Herranz. De Loyola, sua última morada, você nos seguia de perto. Magdalena Inibarren conseguiu que seus restos se trasladassem ao panteão de Mostenses, junto aos da M. Cândida em 03 de maio de 1950. A inscrição funerária rezava assim:

“IHS. No traslado de seus restos mortais ao esclarecido P. Miguel São José Herranz. S.I. Cofundador e primeiro Diretor de nosso Instituto, Conselheiro de nossa Rvma. Madre Fundadora...”

E no segundo traslado, a 12 de maio de 1998, para a capela de Mostenses, na parte posterior do recinto, à esquerda, a legenda diz: **“... Orientador e Conselheiro da M. Cândida...”**

Querido P. Herranz; estou certa de que nessa outra dimensão de vida ressuscitada, as coisas são vistas de outra maneira. Daqui eu quero interpretá-las como esse enigmático **“dedo de Deus”**: o mistério pascal leva junto a kénose.

Obrigada P. Herranz. É bom sermos agradecidos. E é justiça reconhecê-lo. E... FELICIDADES.